

## TORNAR-SE PAI: DA TRADIÇÃO AOS MODELOS HOMOPARENTAIS

Wanessa de Góis Moreira; Thayanne Guilherme Calixto; Hermano de França Rodrigues

*Universidade Federal da Paraíba*  
*wanessa1806@gmail.com*  
*thayanneguilhermecalixto@gmail.com*  
*hermanorg@gmail.com*

**Resumo:** A família nuclear, composta por pai, mãe e filhos, por muito tempo, foi considerada prototípica, sobretudo para o Ocidente. No entanto, esse modelo têm sofrido profundas alterações e novos arranjos começam a ganhar espaço e visibilidade. Na literatura infantojuvenil deparamo-nos, amiúde com narrativas que albergam a diversidade dos laços homoparentais, considerando-os, numa perspectiva não discriminatória, o presente trabalho se propõe a refletir acerca da literatura infantil como uma ferramenta importante na discursão sobre o respeito à diversidade no contexto escolar. A literatura, nesse cenário, possibilita ao aluno o exercício da cidadania, sem contradições e estigmas; estimulando uma humanização no sujeito, perante sua realidade e a de outrem. O texto literário vislumbra o imaginário da criança, utilizando a linguagem metafórica para relatar os fatos cotidianos, de maneira lúdica. Por isso, é de suma importância, trabalharmos as pluralidades de temáticas, sobre a vida cotidiana, na perspectiva de diminuir os preconceitos, em sala de aula, estendendo-se ao contexto extra escolar, para com os alunos que vivem as novas configurações sociais e familiares, e, assim, tornar um ambiente plural e respeitável. Na esteira pedagógica, de acordo com os documentos oficiais, prioriza a humanização e inserção de todos como prática pedagógica. Eis o caso da obra "*Olívia tem dois papais*" da autora Marcia Leite (2010), que versa sobre a relação de uma menina chamada Olívia, adotada por um casal homoafetivo. A autora utiliza uma linguagem simples e divertida para retratar o cotidiano da 'nova' família, apresentando às crianças novas formas de vivenciar as experiências com as figuras parentais e as relações afetivas, além de quebrar normas sociais que sustentam o modelo familiar patriarcal como único aceito. Entretanto, esse modelo não mais contempla os arranjos familiares contemporâneos. Dessa forma, numa conexão entre a literatura infanto juvenil e a teoria de Antônio Cândido, pretendemos analisar, no *locus* temporal da narrativa a (des)construção do conceito de família ante as atuais configurações; e como a introdução da literatura na prática pedagógica tem o poder de humanizar os processos de ensino e aprendizagem de alunos frente às diversas temáticas sociais.

**Palavras-chave:** Literatura, Educação, Homoparentalidade.

### Introdução

A família nuclear, composta por pai, mãe e descendentes, por muito tempo, foi considerada prototípica, sobretudo para o Ocidente. No entanto, esse modelo tem sofrido profundas alterações e novos arranjos começam a ganhar espaço e visibilidade. Neste âmbito, o campo literário proporciona a inserção de temáticas que exploram as configurações atuais, malgrado, sua presença nos discursos escolares ainda seja tímida.

A obra *Olívia tem dois papais*, da autora Marcia Leite (2010) retrata o cotidiano da 'nova' família, utilizando uma linguagem simples e divertida, apresentando às crianças novas formas de vivenciar as experiências com as figuras parentais e relações afetivas, além de quebrar normas sociais que sustentam o modelo familiar patriarcal como único aceito.

Imbuídos dessa temática, faz-se necessário apresentar às crianças livros infantis que entrem em contato com a realidade, trazendo as questões sobre família e diversidade cultural. Nesse contexto, a escola pode se constituir como um espaço propício às discussões que versam sobre os atuais arranjos familiares, na perspectiva de minimizar a intolerância e discriminação contra as parentalidades que fogem à normatividade imposta socialmente.

Assim, o presente trabalho tem como objetivo trabalhar as pluralidades da arquitetura familiar, de modo a fomentar reflexões que, ulteriormente, possam diminuir os preconceitos, em sala de aula, estendendo-se ao contexto extraescolar, para com as(os) alunas(os) que experienciam essas mudanças que, de balde, afetam toda as dinâmicas sociais e familiares, e, assim, tornar um ambiente plural e subjetivo, daqueles que se unem por laços afetivos.

## **Metodologia**

O caminho metodológico arquejado consiste na revisão bibliográfica, utilizando autores(as) como Cândido (1995), Gato (2014), Mello (2005), Uziel (2007) para fundamentar a discussão acerca da Homoparentalidade na literatura infanto-juvenil. Analisamos o livro *Olívia tem dois papais*, da autora Marcia Leite (2010), que versa sobre a relação de uma menina chamada Olívia, adotada por um casal homoafetivo. Dessa forma, numa conexão entre a literatura infantojuvenil e as teorias dos (as) autoras (os) citados (as), discorreremos sobre a Homoparentalidade no *locus* temporal da narrativa.

O presente trabalho está dividido em três partes. Primeiro, trataremos a literatura como um espaço de humanização, o qual contribui para a maturação cognitiva da criança. Logo, na segunda parte, analisaremos o livro *Olívia tem dois papais*, a fim de refletir como os livros com temáticas sobre a pluralidade familiar possibilitam um novo olhar acerca da diversidade, auxiliando as relações de convívio social. Por fim, abordaremos a importância de inserir essa literatura nos espaços escolares, uma vez que a sala de aula se configura como um espaço plural, em que as crianças entram em contato com diversas identidades e contextos familiares ante as atuais configurações.

## **Resultados e Discussões**

### **Análise do livro**



A autora Márcia Leite, a partir de uma linguagem simples e recreativa, na obra *Olívia tem dois papais*, apresenta ao público infantil os laços afetivos que acabam por legitimar, alguns, dos arranjos familiares, seja de cunho biológico ou não. A personagem Olívia, que foi adotada, pelo papai Luís e o papai Raul, é retratada, no livro, por sua habilidade persuasiva e angelical, como exposto abaixo:

Olívia tinha um talento muito especial. Ela sabia exatamente como usar algumas palavras para conseguir as coisas que queria. Mesmo quando papai Raul estava trabalhando, e ele sempre estava trabalhando, Olívia sabia o que fazer para convencê-lo a brincar com ela. Primeiro se aproximava, bem silenciosa, e ficava esperando que o pai a descobrisse escondida atrás de alguma pilha de quadros. Essa cena acontecia quase todas as tardes, mas os dois demonstravam a mesma surpresa nas vezes em que se encontravam. Ele fingia que morria de susto. Ela caía na risada ao ver a cara apavorada do pai. (LEITE, 2010, p. 8)

A relação de Olívia, com suas figuras parentais, era harmônica. Os papais cuidavam dela, tanto no sentido de atender às necessidades fisiológicas, quanto afetivas. A garotinha, como acontece com todos dos filhxs, demonstrava um vínculo maior com um dos pais, o papai Raul. No caso da narrativa, quando queria alguma coisa era a ele que recorria e sempre conseguia, com seu jeitinho meigo e gentil. Na cena abaixo, fica nítido, essa relação entre ambos.

**Figura 1 - Olívia e papai Raul**



Nesta cena, Olívia vai ao encontro do pai Raul, dizendo estar entediada e que gostaria de vê-lo trabalhar, mas, ao adentrar em seu estúdio, o papai Raul pede para que a filha se comporte. Embora, saiba que ela é levada, ele pede para que a filha sente num banquinho, pedindo que fique em silêncio. Com cinco minutos de silêncio, Olívia começa a questionar a todo instante as pinturas

do pai, dizia que as cores utilizadas por ele eram absurdas. Finalmente, conseguiu o que queria, brincar de boneca com o papai Raul, ditando as regras da brincadeira, enquanto o papai sabia exatamente o que precisava fazer.

Com o papai Luís, a relação se dava de outra forma, Olívia pensava muito bem antes de atrapalhar o trabalho do segundo papai, que só permitiu à filha interrompê-lo se fosse um assunto grave, muito grave. Então, Olívia concluiu que o papai Luís já tinha trabalhado demais e poderia parar só um pouquinho para descansar, foi então ao seu encontro e o convenceu a preparar um sanduíche.

**Figura 2: Olívia e papai Luís**



Finalmente, quando já tinha brincado bastante e feito um lanche com os papais, correu para se arrumar e ficar bem enfeitada, pois queria estar sempre bonita. A autora Marcia Leite conclui a narrativa, com a seguinte cena de Olívia:

Assim que papai Luís fechou a porta do quarto, ela saiu em disparada para se arrumar. Gostava de se enfeitar e de ficar bonita. Gostava mais ainda de ganhar presentes. E gostava muito mais de papai Luís e de papai Raul. Tanto, tanto, que nunca era capaz de decidir com qual dos dois iria se casar quando crescesse. (LEITE, 2010, p. 41)

**Figura 3: Olívia e seus dois papais**



A personagem Olívia traz indagações importantes acerca das questões de gênero, identificadas nos diálogos que tem com os pais, inicialmente, sobre as brincadeiras, quando questiona se o papai Raul brincava de boneca em sua infância, questão que é marcada pelo sexismo, à medida que se considera ‘brincadeira de menino’ o carrinho, futebol, videogame, luta, bicicleta e o universo da menina se restringe a brincadeiras como boneca e casinha, refletindo nos comportamentos que se espera de meninos e meninas (BEAUVOIR, 2009). Tais aspectos são evidenciados, no trecho abaixo:

- O que você achou intrigante Olívia? - ele perguntou.
- Se você nunca brincou de boneca ou de casinha, como foi que aprendeu a cuidar tão bem de uma filha menina?
- Ah, minha querida, tem coisas que a gente não precisa aprender, já nasce sabendo. E cuidar de você é muito fácil! - papai Raul explicou.
- Você queria ter uma filha assim como eu?
- Era tudo o que eu sempre quis - Papai Raul confessou. (LEITE, 2010, p. 21)

Assim, como este, o diálogo entre Olívia e o papai Luís sobre a infância evidencia a crença da predisposição feminina aos cuidados dos(as) filhos(as) e do lar, uma vez que, brincadeiras como ‘casinha’ e ‘comidinha’ são retiradas da infância dos meninos, por serem homens. Por isso, faz-se necessário trabalhar com a literatura, com suas múltiplas faces sociais, para inserir as(os) alunxs em contextos diversos, e, assim, permitir uma construção sem preconceitos, ante as pluralidades de concepções sociais.



## Análise Literária

Diante da estória produzida pela autora Márcia Leite, reafirmamos que, no campo literário, deparamo-nos, amiúde, com narrativas que albergam a diversidade dos laços homoparentais, considerando-os, numa perspectiva não discriminatória. Capaz de transformar a literatura infantil numa ferramenta importante na discussão sobre o respeito à diversidade no contexto escolar. Uma vez que, a literatura é uma atmosfera de inserção de conhecimentos e humanização, como afirma Antônio Cândido (1995):

[...] ela é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte do subconsciente e no inconsciente [...] Cada sociedade cria as suas manifestações ficcionais, poéticas e dramáticas de acordo com os seus impulsos, as suas crenças, os seus sentimentos, as suas normas [...]. Ela não *corrompe* nem *edifica*, portanto; mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver. (p. 23-4)

A literatura ativa os conhecimentos dos leitores, pois, promove o aguçamento da criticidade e da reflexão. A literatura é o espelho “ficcional” da realidade, ela leva o sujeito leitor a imaginar, opinar e vivenciar seu posicionamento na sociedade, sendo, através da mesma, que ocorre a inserção de assuntos atuais, os quais levam os leitores ao conhecimento sobre o mundo o cerca, de maneira imaginativa e participativa, assim, pode possibilitar o processo de humanização nos sujeitos. Segundo Fischer (1981):

O texto literário constitui-se como forma de expressão, que manifesta emoções e a visão de mundo dos indivíduos, ou, ainda, uma forma de conhecimento, mesmo que inconsciente. A produção literária “comunica-se ao nosso espírito e o leva, primeiro, a se organizar; em seguida, a organizar o mundo” (...) ainda, a arte capacita o ‘Eu’ a identificar-se com a vida de outros, capacita-o a incorporar a si aquilo que ele não é, mas tem possibilidade de ser. (p.246)

O texto literário possibilita, ao sujeito leitor, um mundo de criações imagéticas do outro e de si. De acordo com Coelho (1980), a literatura tem, como função principal, estabelecer comunicação entre as pessoas, podendo atuar como função estética ou função ética.

Na obra *Olívia tem dois papais*, encontra-se a função ética, pelo seu valor utilitário, e a estética, por trazer imagens que dialogam com o imaginário da criança, devido à presença de cores fortes e coloridas, compondo o cenário subjetivo da estória, construindo uma maior interação com

os leitores infantis, por chamar atenção devido à gama do colorido no enredo. Além disso, juntamente com a estética, evidenciou-se, que o tema da homoparentalidade foi tratado a partir da função cognitiva, em que “a literatura é vista como uma forma de conhecimento: um elemento revelador da verdade psicológica dos seres ou da verdade oculta sob a aparência das relações humanas” (COELHO, 1980, p. 31). Apesar disso, a obra se constitui de outros elementos, pois, essas funções não são representadas de maneira pura.

Nesta perspectiva, os livros infantis constituem-se em recursos fundamentais para a introdução de temáticas que fazem parte da realidade social, mas que são veladas pela ‘falsa’ propagação de que no séc. XXI não existe preconceito contra pessoas que vivem sua identidade e orientação sexual fora dos padrões normativos, a exemplo, das atuais configurações familiares.

## **Conclusões**

Com base na discussão dos dados, evidencia-se que transgredir a heteronormatividade constitui um verdadeiro desafio aos casais que fogem à ‘regra’ social, sobretudo, para aqueles que decidem constituir laços familiares a partir de filhos (as). Dessa forma, o vislumbamento de um arranjo familiar diferente do modelo homem, mulher e filhos, muitas vezes, podem surgir repletos de atitudes preconceituosas, causando efeitos negativos para essas famílias em diferentes espaços. Além de atingir, em especial, às crianças, que não possuem tais noções discriminatórias, mas, que acabam sendo internalizadas conforme recebem influências dos círculos de convívio.

Nesta perspectiva, a literatura infanto-juvenil constitui-se como um espaço para apresentar às crianças as diversas formas de vivenciar a conjuntura familiar, superando a ‘normatividade’, e, assim, dando visibilidade a outros arranjos que se encontram fora do modelo heteronormativo. A inclusão dessas temáticas, no espaço escolar, são fundamentais no combate ao preconceito, discriminação e violência contra famílias formadas por casais do mesmo gênero. Para isso, é preciso disponibilizar materiais que possibilitem o(a) professor(a) tratar temas como a homoparentalidade e demais configurações familiares em sala.

Por fim, entende-se a importância de oferecer um acervo literário diverso às crianças, a fim de tratar temáticas, como o presente, por meio de uma linguagem simples e acessível, para que de forma natural as crianças possam conhecer a pluralidade familiar, reconhecendo o espaço em que está inserida, ao mesmo tempo, que conhece o lugar do outro, e, com isso, passa a trabalhar os aspectos como o respeito frente às identidades e diferenças. Sabemos, em suma, a literatura,

possibilita que os(as) alunos desenvolvam sua capacidade cognitiva, através da imaginação, e, assim, potencializa a empatia, no processo da humanização social.

## Referências

COELHO, Nelly N. **Literatura e linguagem**: a obra literária e a expressão linguística. 3. ed. São Paulo: Quíron, 1980. 389.

GATO, Jorge. **Homoparentalidades**: perspectivas psicológicas. Coimbra: Almedina, 2014.

GROSSI, Miriam Pillar; UZIEL, Anna Paula; MELLO, Luiz. **Conjugalidades, parentalidades e identidades lésbica, gays e travestis**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

LEITE, Marcia. **Olívia tem dois papais**. São Paulo: Companhia das letrinhas, 2010.

MELLO, Luiz. **Novas famílias**: conjugalidade homossexual no Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

UZIEL, Anna Paula. **Homossexualidade e adoção**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

FISCHER, Ernest. **A necessidade da arte**. Tradução de Leandro Konder. 9 ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2001

CANDIDO, Antônio **Vários escritos**. 3 ed. São Paulo: Duas cidades, 1995